

PARA DESENCADear A PAZ

Em 1967, Paulo VI instituiu a Jornada Mundial da Paz e, desde aquela data, vem-se repetindo no primeiro dia de cada ano a evocação deste que é o grande anseio de todos os povos. Trata-se de uma iniciativa que procura atrair a atenção dos responsáveis pela vida internacional, no intuito de fomentar a paz entre os indivíduos e os povos, convidando-os a trabalhar ativamente para que ela se torne uma realidade no interior das nações, antes de tudo, e depois entre os povos.

Este início de ano nos oferece a possibilidade de falar novamente sobre o difícil e delicado tema. A paz: palavra que exprime uma exigência tão sentida e arraigada no coração do homem é paradoxalmente uma realidade tão exposta às violações, às manipulações e aos desmandos dos egoísmos de todos os tipos.

Sem a pretensão de analisar em profundidade um assunto tão complexo, gostaríamos de oferecer aos leitores alguns elementos de reflexão à luz dos ensinamentos da Igreja, “mãe e mestra” e “especialista em humanidade”, como foi chamada.

Quinze anos atrás João XXIII, com a encíclica “Pacem in terris”, iniciou uma nova era, depois de anos de inquietação, de separação, de guerra fria, de ideologias contrapostas. Falava de abertura para com o mundo, de diálogo e de reconciliação. Chegara a hora de colocar novamente o homem no seu devido lugar, sem o que não teria sentido sequer a própria palavra paz. Tornava-se necessário, a partir de então, olhar ao nosso redor para observar os “sinais dos tempos” e não ficarmos cristalizados em conceitos adquiridos que podem até mesmo impedir a plena realização da paz.

Não obstante a humanidade tenha apresentado sempre novos sinais de aspiração à paz, ela nunca foi completa, nem segura. Basta ver os inúmeros focos de guerra que ainda perduram e os novos que ameaçam acender-se, como no caso do Irã, da China e Vietnã, Uganda e Tanzânia, e outros. “O próprio conceito de paz como ideal que deve dirigir a efetiva atividade humana parece sucumbir diante da força da incapacidade do mundo em governar na paz e com paz”, afirmou Paulo VI.

Na realidade, a lógica das coisas, que une a paz à vida, nem sempre encontra apoio na conduta dos homens, os quais, levados por preconceitos, por falsas convicções, ou até mesmo pelos chamados interesses nacionais, ou simplesmente pelos costumes históricos ou tradicionais, poderão colher, por causa dessa ilogicidade de base, frutos amargos para si e para seus descendentes.

Essa ilogicidade se reflete, por exemplo, no campo da fabricação de armamentos. Duas argumentações são apresentadas por aqueles que não manifestam escrúpulo algum a respeito. A primeira é a de que a produção bélica assegura, em época tão difícil como a atual, a necessária absorção de mão-de-obra. (Além disso, por outro lado, afirmam eles, “se nós não o fizermos, outros o farão”). Tal argumento do ponto de vista moral, é absolutamente insustentável. A verdade é que se faz especulação com o ódio e com a guerra, fomentam-se focos perigosos para toda a humanidade, como se fosse suficiente garantir o emprego de mão-de-obra para justificar uma tal produção.



Z PLANETÁRIA

Uma segunda argumentação, não menos capciosa, é a de que essas armas servem para guerras defensivas. Entretanto, sabemos perfeitamente que o qualificativo “defensivo” perdeu nos dias de hoje seu verdadeiro significado, exceção feita apenas quando aplicado a algumas guerras de independência. Na verdade, não são precisamente estas guerras que absorvem as armas caras e sofisticadas que garantem os grandes negócios dos mercadores de canhões (ou melhor: de mísseis autodirigidos, de artilharia guiada por computadores, de aviões supersônicos dotados de instrumentos ofensivos com a precisão dos raios laser e daí por diante).

Mais grave e contraditório ainda é o fato de que as próprias nações que organizam e desenvolvem o comércio da morte são aquelas que deveriam promover o desenvolvimento social e humano dos cidadãos e da sociedade no seu conjunto. Mas, exatamente com a desculpa de angariar meios para a elevação do padrão de vida dos cidadãos, e talvez tendo em vista a promoção de reformas, no campo da educação, da saúde, da higiene, che-

gou-se ao cúmulo de aceitar sem hesitação alguma o comércio indiscriminado de armas homicidas.

E não é só: pretende-se apresentar como instrumento de “defesa” o que é, na realidade, um meio para manter um sistema de dominação e opressão de algumas nações sobre outras. Essa dominação se verifica, principalmente, nas relações comerciais entre as nações, como denuncia Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio*. As nações ricas impõem suas condições no comércio internacional favorecendo seus interesses. A consequência disso é que as nações subdesenvolvidas sempre saem perdendo e ficam cada vez mais à mercê da dominação estrangeira. E no interior dessas nações a situação torna-se mais trágica na medida em que grande parte de sua população vai sendo marginalizada, isto é, vai sendo privada das mínimas condições de sobrevivência e de participação na vida econômica, política e cultural da sociedade.

A marginalização, as relações de dominação e a corrida armamentista são, pois, fatos de nossa época, são sinais de nosso tempo, que denunciam

a premente necessidade da paz, se quisermos sobreviver e ter uma vida mais humana.

Como, então, construir a paz?

«Não se consegue a Paz – afirmaram os bispos latino-americanos em Medellín – senão criando uma ordem nova que comporte uma justiça mais perfeita entre os homens. Neste sentido, o desenvolvimento integral do homem, a passagem de condições menos humanas para condições mais humanas, é o novo nome da paz.»

A paz, portanto, não significa uma situação estática, fruto da inércia e da passividade. Paz significa o conjunto de relações que garante a todos e a cada um sua plena realização. Neste sentido, a paz é obra da justiça, ou melhor, pressupõe uma ordem “na qual todos os homens possam realizar-se como homens, onde sua dignidade seja respeitada, suas legítimas aspirações satisfeitas, seu acesso à verdade reconhecido e sua liberdade pessoal garantida” (Medellin).

Parece utopia, no mundo de hoje, pensar em paz, imaginar um mundo em que cada homem tenha condições de se realizar plenamente, em harmo-

PARA DESENCADear A PAZ PLANETÁRIA

nia com a realização de todos. A realidade hoje parece mostrar que o ódio tornou-se a norma da convivência humana: luta em que cada um pretende se realizar mediante a destruição ou exploração do outro. E a luta pelo poder, pela riqueza, pelo sucesso individual alimenta a construção de estruturas que garantem o acúmulo de privilégios para alguns às custas de muitos. Todavia, como afirmou Paulo VI, embora "tenha-se tornado frágil, a paz é possível, e depende também de você!"

É preciso, pois, dar a nossa contribuição para a mudança dessa mentalidade, é preciso mudar o homem e as estruturas que o condicionam.

E como a "verdadeira paz se baseia no amor", ainda no dizer de Paulo VI, se quisermos ser pacíficos, construtores de paz, é necessário nos voltarmos à caridade, ao amor, isto é, que em primeiro lugar combatamos a falta de amor em nosso ambiente quotidiano.

Em resumo, construir a paz significa traduzi-la no nosso dia-a-dia em atitudes concretas, como por exemplo: vivo a paz com o meu vizinho? com os meus parentes em casa? no escritório, na fábrica, na escola? Atuo a justiça social para com os meus empregados e para com aqueles a quem dirijo? Tenho procurado conhecer a situação de miséria e marginalização em que vive grande parte das populações? Sou capaz de respeitar o outro ou sou intolerante? Ajudo-os ou me fecho no meu egoísmo?

Todo tipo de contradição entre o comportamento interno e externo deve ser completamente eliminado, dando lugar a uma atitude de amor que aos poucos vai se tornando recíproco, por encontrar eco em outras pessoas. E o amor recíproco, testemunho do cristão, e lei máxima do relacionamento entre os homens, é o propulsor do progresso humano, isto é, da paz. Podemos, então, concluir com Paulo VI: "o desenvolvimento é hoje o novo nome da paz".

